

UM *CHARIVARI* NA REPÚBLICA: REPRESENTAÇÕES DA NOVA FORMA DE GOVERNO BRASILEIRA NAS PÁGINAS DE UMA FOLHA HUMORÍSTICA LUSA

FRANCISCO DAS NEVES ALVES*

RESUMO

Estudo de caso acerca da formação da República Brasileira segundo o olhar do jornal humorístico português *Charivari*, analisando as construções discursivas e as imagens edificadas pela folha a partir das repercussões em suas páginas do processo de implantação da nova forma de governo no Brasil, com ênfase à proclamação e as primeiras crises pelas quais passou o regime republicano.

PALAVRAS-CHAVE: República Brasileira, imprensa portuguesa, *Charivari*

ABSTRACT

A case study is carried out regarding the formation of the Brazilian Republic according to the view of the Portuguese humor newspaper *Charivari*. Discursive constructions and images built by sheet from repercussions in its pages of the process of implementing the new form of government in Brazil are analyzed, with emphasis on the proclamation and the crisis which passed the Republican regime.

KEYWORDS: Brazilian Republic, the Portuguese press, *Charivari*

A imprensa portuguesa ao final do século XIX atingia uma etapa de ampla expansão, notável desenvolvimento quantitativo e qualitativo, espalhando-se o jornalismo desde a capital Lisboa até as mais longínquas localidades. O noticiário nacional era o mais predominante na abordagem dos jornais, mas, fossem os grandes periódicos diários lisboetas e das maiores comunas, fossem os semanários de outras cidades, ou ainda os mais variados gêneros jornalísticos, não descuravam em apresentar informações do contexto internacional. Nesse quadro, as notícias oriundas do Brasil tinham notável repercussão junto ao periodismo lusitano, fosse pelas raízes históricas que uniam ambos os países, fosse pelos grandes interesses que detinha a colônia lusa em território

* Professor do Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI-FURG; doutor em História – PUCRS. Pós-doutorado junto ao ICES – Portugal.

brasileiro. De acordo com esta característica, a proclamação da República no Brasil despertaria significativos reflexos no seio da imprensa portuguesa, havendo reações normalmente positivas ou negativas na interpretação dos fatos que cercavam essa mudança de forma de governo. Assim, como o 15 de Novembro, os acontecimentos fundamentais que se seguiriam à proclamação, como as crises de 1891 e 1893, também seriam metabolizados, sintetizados e apresentados ao público leitor luso através das páginas de seus jornais.

Refletindo um fenômeno que marcava a evolução da imprensa mundial, nesta ampla rede de informações trazidas à baila pelo jornalismo luso em franca ampliação (ver: Tengarrinha, 1989; Pereira, 1895; Martins, 1941; Cunha, 1941; Rodríguez, 1996), haveria um grande espaço para o desenvolvimento da imprensa caricata, mormente nas cidades de Lisboa e do Porto (observar: Rodrigues, 1979; Sousa, 1998). Uma dessas folhas voltadas à caricatura era o *Charivari*, que circulou entre 1886 e 1899, editado pela Imprensa Civilização, no Porto (Rafael; Santos, 2001, v. 1, p. 154). Tratava-se de um tradicional hebdomadário caricato, com oito páginas, divididas meio a meio entre as dedicadas aos textos e aos desenhos, e voltado a um jornalismo crítico-opinativo, mantendo um norte editorial calcado no humor e na ironia, bem como lembrava seu título, o qual fazia alusão a berrarias, tumultos, conflitos e confusões. No que tange às repercussões da mudança na forma de governo no Brasil, o *Charivari* apresentaria uma série de manifestações discursivas e imagéticas, desde a proclamação em si e perpassando as crises advindas do golpe de Estado de Deodoro da Fonseca e dos focos revolucionários que espocaram no ano de 1893.

Em sua apresentação ao público, o *Charivari* manteve um caráter predominantemente jocoso e irônico como era a marca registrada das folhas humorísticas de sua época. Nessa linha, perguntava: “E esta, leitores?!”, tecendo em seguida a consideração: “Ter de vos fazer rir, agora, que os frios do inverno principiam a entorpecer-vos os nervos faciais, dando-vos assim aos rostos o aspecto de *republicanos austeros*... Isto não é tarefa difícil – é camisa de onze varas –; mas que remédio senão fazer das tripas coração, como diz o outro?”. O periódico lembrava a tradição histórica do humor e seu papel na vida em sociedade – “Faunos da Antiguidade! Bobos da Idade Média! Arlequins da atualidade!... De joelhos e mãos postas vos imploro!” – e pedia inspiração aos mestres da arte de fazer rir: “Cham, Gavarni, Draner, Bordallo, Mars e vós todos, reis do riso que hilariastes gerações, vinde em meu auxílio, e com as pontas dos vossos triunfantes lápis varai-me o crânio, e faiscai-lhe dentro uma ciência dos vossos luminosos espíritos!”. Finalmente, apelava por boa receptividade: “Críticos lusitanos! Imprensa do meu país! Sede

benévolos para comigo. Dito, isto, aparo o lápis”¹.

No que tange à política, ainda em sua primeira edição, o hebdomadário buscava demonstrar certa intenção de suposta neutralidade, destacando, inclusive, que não pretendia se imiscuir nos caminhos deste tipo de discussão, como ao afirmar: “Pondo de parte a política, que nem a todos os nossos leitores pode agradar, tratemos de outro assunto, se outro assunto há neste tempo das castanhas e do vinho novo”². Ainda assim, nesse mesmo número inaugural, a folha publicava alguns versos sob o título “O *Charivari* político”: “Neste momento solene / em que o povo grave e sério / vai mostrar o seu critério / em a próxima eleição, / seria falta inaudita / não sairmos a terreiro / indicando o verdadeiro / pensar nosso na questão”. No prosseguimento, mais uma vez em tom jocoso, o semanário apresentava a sua perspectiva acerca de cada um dos vários grupos partidários que então se digladiavam no cenário político lusitano³.

Seguindo a tendência usual da imprensa lusa como um todo, o *Charivari* apresentou ao público a mudança de forma de governo brasileira, mantendo o seu norte editorial embasado na imagem e no humor. A primeira página da edição de 23 de novembro estampava quadro intitulado “A Revolução no Brasil”, com os retratos de D. Pedro de Alcântara – apresentado como “Ex-Imperador do Brasil” –, de Quintino Bocaiúva – “Chefe do Partido Republicano do Brasil e redator do *País*” – e do General Deodoro da Fonseca – “Presidente Interino dos Estados Unidos do Brasil”. Seguindo a folha, publicando os retratos dos principais vultos da revolução do Brasil, ela estaria assim a acompanhar

¹ CHARIVARI. Porto, ano 1, n. 1, 13 nov. 1886, p. 1.

² CHARIVARI. Porto, ano 1, n. 1, 13 nov. 1886, p. 2.

³ CHARIVARI. Porto, ano 1, n. 1, 13 nov. 1886, p. 3. Os versos prosseguiam: “Dos partidos militantes / que apresentam suas listas, / só os bons *sebastianistas* / devem ser dignos de fé; / porque, deixem-se de histórias! / ninguém tem mais elementos / pra fazer melhoramentos / nesta *Parvonia do Zé...*! / Os progressistas bem querem / botar o barro à parede...! / mas desta feita na *rede* / é que o *Povinho* não vai! / Todavia, é de justiça / que francamente se diga: / da política esta espiga / é a que melhor nos sai! // Que também, valha a verdade, / não são maus os dos *arranjos...* / mas têm uns certos *marmanjos* / que o nariz fazem torcer! / Talvez agora emendados / com as lições recebidas / tenham mui sábias medidas / para o *Povinho* lamber...! / Da *república* os adeptos / são do *Povinho* estimados, / mas não estão ainda amestrados / na ciência – *Venha a nós!* / Só quem souber mui a fundo / esta ciência bendita / poderá gozar a dita / de encher da *pança o cadoz!* // Enquanto aos outros partidos: / *constituente, miguelista,* / e o moderno socialista...! / deixam correr os marfins. / Porém, é certo que esperam / tempos melhores no futuro / para em momento seguro / alcançarem os seus fins! // Ao passo que este partido / que defendemos aqui, / e que o bom *Charivari* / vos vem hoje apresentar, / não cessou ainda um instante / de ser fiel à nação; / e por D. Sebastião...! / há de a todos contentar. // Reformas, *coisas e lousas* / em seu nome prometemos! / Nada de pé deixaremos / desse progresso infeliz!...! / Avante intrépido povo! / votai a nossa listinha / se quereis ver a *galinha* / fora do nosso país!” (No que se refere ao cenário político-partidário português da época, ver: Mattoso, 1996; Peres, 1935; Serrão, 1986; Serrão; Marques, 2004).

este grande acontecimento e dava ao público uma página que seria recebida com bastante interesse. Apesar da ascensão da República, no desenho do semanário era a figura do Imperador que encabeçava o quadro, em posição superior aos outros dois personagens⁴ [Figura 1].

Na mesma edição, o jornal publicava a matéria “Os mesmos”, declarando que caíra o Império Brasileiro e levantara-se a República, mas que tal notícia não aterrorizava ninguém, apenas surpreendera a Europa, por não contar com aquela mudança em vida do Imperador. Dizia que o fato fora informado por um telegrama que a *Havas* se dignara a enviar a alguns jornais e banqueiros, interessados na alta e baixa dos fundos públicos. Explicava que isto não bastaria para que a imprensa estivesse “por aí a moer a paciência à gente” dando ao público novos telegramas sem que estes adiantassem nada aos primeiros que se receberam e deram o estabelecimento da República no Brasil como fato consumado. Criticando o próprio jornalismo lusitano na divulgação daquele episódio, o hebdomadário questionava por que todos queriam saber como as gazetas, repisando o assunto, intrujavam perfeitamente os que acreditavam em tudo quanto se achava escrito em letra redonda.

A folha ressaltava ainda que o comportamento da imprensa baseava-se no laconismo dos telegramas recebidos e dera a perceber o modo como as coisas se passaram, pois tal laconismo permitira que cada jornal fizesse uma prosa a seu modo. Dizia ainda que os telegramas, sendo os mesmos, apareceram no outro dia nos jornais de Lisboa com forma diferente, embora dizendo a mesma coisa, de modo que os mesmos foram aproveitados pelos jornais do Porto como sendo novos telegramas e depois chegavam os jornais espanhóis e lá estava a coisa, a mesmíssima coisa, mas, como as palavras eram outras, aproveitaram-se e davam-se aos leitores como novidade. Na mesma linha, relatava que chegavam os jornais de Paris, de Londres, da Alemanha, e contavam o que toda a gente sabia; mas, como cada um expunha a seu modo, estes telegramas que se encontravam na imprensa estrangeira, depois de traduzidos, ficavam como novos. Mantendo a linha humorística e de crítica ao jornalismo, o semanário afirmava que a imprensa portuguesa prosseguia a dar aos seus leitores novos telegramas do Brasil, sem adiantar uma única circunstância interessante aos primeiros que se receberam, e arrematava a matéria afirmando: “É que eles são os mesmos. Sempre os mesmos, só com palavras diferentes”⁵.

⁴ CHARIVARI. Porto, ano 4, n. 15, 23 nov. 1889, p. 1.

⁵ CHARIVARI. Porto, ano 4, n. 15, 23 nov. 1889, p. 2. Nessa mesma edição, o jornal publicava versos intitulados “*A revolta*” nos quais fazia referência às transformações no Brasil: “Regalado, como um frade, / Que de insônias não padece, / E que ao sono bem

A falta de convicção política, as contradições e mesmos as traições para com a forma de governo decaída eram também retratadas pelo *Charivari* ao apresentar uma caricatura chamada “A chegada do Imperador”, na qual um indivíduo de barrete frígio recebia um cabisbaixo Imperador, com o seguinte diálogo: “Olá seu Pedro d’Alcantara!... Passou bem?; – Menos mal, menos mal. Me diga: O sr. não é o Paulo Porto Alegre, antigo cônsul do meu Império?; – Eu mesmo, e continuo a sê-lo, mas da República do Brasil. Antes de tudo sou um patriota!; – Já sei, já sei! Um *patriota* e um homem de *convicções*”⁶ [Figura 2]. Outra caricatura foi publicada na mesma edição, apresentando uma conversa entre o Imperador e o Conde D’Eu, assistida pela Princesa Isabel, mostrada de terço à mão e rezando. O título da figura era “No Hotel Bragança – Opinião de um Orleans”, e nela o Imperador afirmava: “Que pena que tenho de minha pátria! Não mais tornarei a ouvir o canto do sabiá empoleirado num bambu, nem jamais saborearei a sombra das palmeiras onde saltam os macaquinhos!...” Ao que respondia o Conde D’Eu, num arrastado português afrancesado: “*Se deixei di penas sinhô papá. Si lá ficaram os sabiás, e os macáquinhos, nós cá levamos muito dinheiro que é o que se quer!*”⁷ [Figura 3].

Em outra caricatura acerca da mudança na forma de governo brasileira, o *Charivari* apresentava uma conversa entre um político brasileiro e outro lusitano, sob o título “Entre ministro e ex-ministro”, num “diálogo pelo telégrafo”. A conversa era sobre as reações do povo de cada um dos países, dizendo o ex-ministro brasileiro: “Ah! sinhô Zé Luciano!... *Zé Caipora* de lá, é mais rijo do que eu imaginava!...”; ao que respondia o ministro luso: “Pois sr. Visconde de Ouro Preto, Zé Povo de cá, quanto mais leva, mais manso fica!”⁸ [Figura 4]. A controversa questão da concessão de pensão ao derrubado imperador do Brasil também seria retratada nos desenhos do hebdomadário português, caso da figura que mostrava Deodoro da Fonseca com duas feições: uma como magnânimo governante, a outra como um tresloucado bobo da corte. O título da ilustração era “A República do Brasil – dotação de D. Pedro de Alcântara”

conhece / As delícias venturosas.../ Regalado, como um frade, / Eu gozava um sonho fundo, / E sonhava que este mundo / Era todo um mar de rosas!...// Regalado, pois, sonhava / Regalado, pois, dormia / E num sonho bom só via / Coisas belas e gentis!.../ Quando a sopeira, que tenho, / C’o janeiro descabrita / E aos ouvidos meus me grita: / – *Há revoltas nos Brazis!*... (...) // Vendo, enfim, que não consigo / A fúria minha explodir, / Deixo o corpo meu cair / Nos braços de uma cadeira! / E a moçoila então sorrindo, / Em sossego, assim me diz: / *Ó senhor, lá nos Brazis / Anda grande barulheira!*”

⁶ CHARIVARI. Porto, ano 4, n. 17, 7 dez. 1889, p. 6.

⁷ CHARIVARI. Porto, ano 4, n. 17, 7 dez. 1889, p. 8.

⁸ CHARIVARI. Porto, ano 4, n. 18, 14 dez. 1889, p. 1.

e a legenda do primeiro desenho era: “Ao princípio, quando se soube que o Governo Provisório da República do Brasil mantinha a dotação e subsidiava além disso o Imperador, todos aplaudiram e acharam nobre e enlulado tal procedimento; ao passo que a do segundo era: “Porém, agora – ó decepção! – com a recente anulação de todos estes compromissos, os republicanos do Brasil ficaram sendo o contrário de nobres e o contrário de enlulados! Que triste figura!...”⁹ [Figura 5].

Ainda utilizando-se do recurso da caricatura, o semanário luso mostrava o ex-imperador brasileiro travando uma conversa com a estátua de seu pai, que ganhava vida na imaginação do desenhista. Sob o título “Diálogo entre pai e filho”, o jornal apresentava D. Pedro II dizendo: “Eis-me aqui, *sinhô pápá!* Sem coroa, sem reino e sem patacas!...” Ao que seu progenitor, abandonando a impávida postura estatuária, respondia: “Tem paciência, filho. Olha eu que aqui estou no *bronze imperecível da glória*, receio pelo meu futuro, porque se um dia a História se lembra de me esquadrinhar os feitos, corre-me, substituindo o monumento por outro que represente os defensores da pátria, esses pobres veteranos que por aí mendigam e morrem de fome. De que vale ser Imperador, se não temos um mísero capote que nos resguarde deste frio? Depois, sempre de carta na mão e o cavalo de pata no ar... Que aborrecimento!”¹⁰ [Figura 6].

Já na virada para o ano seguinte, o *Charivari* apresentava uma caricatura cheia de simbologia na qual comparava a situação política de Brasil e Portugal. No desenho, D. Pedro II aparece cabisbaixo, coroa caindo-lhe da cabeça – em clara alusão ao fim da monarquia –, lendo um soneto, sobre o pavio de uma vela cuja chama se extinguiu. Por outro lado, o soberano português, D. Carlos, é representado ascendente, sob um poderoso fecho de luz, em plena exuberância de seu poder. A fonte de luz apagada representava o ano que findava de 1889, e a que brilhava com intensidade, simbolizava o ano nascente de 1890. O título da figura era “Ano Velho e Ano Novo”, tendo por legenda: “Eis a melhor comparação que se pode adequar ao ano de 89 que terminou, e ao ano de 90 que começa. Enquanto que D. Pedro foi *apagado* pelo sopro republicano *de lá*, D. Carlos, *o nosso*, rutila no meio da sua corte, como um bico de gás há pouco aceso. 1889, 1890!...”¹¹ [Figura 7].

Passadas as primeiras impressões sobre a república no Brasil, haveria certa tendência de silenciamento do jornal no que tange a incursões acerca da política brasileira, mas tal comportamento mudaria por ocasião

⁹ CHARIVARI. Porto, ano 4, n. 208, 28 dez 1889, p. 4.

¹⁰ CHARIVARI. Porto, ano 4, n. 208, 28 dez. 1889, p. 5.

¹¹ CHARIVARI. Porto, ano 4, n. 21, 4 jan. 1890, p. 8.

das sérias crises que afetariam a jovem república nos seus primeiros anos de existência. Diante da primeira dessas crises, gerada a partir do golpe de Estado perpetrado pelo primeiro Presidente da República, o *Charivari* logo enxergaria em tais episódios uma iminente possibilidade de desintegração político-territorial do país. Em texto pejado de ironia, sob o título “Os unidos a desunirem” o jornal dizia que o Brasil tomara o nome de Estados Unidos do Brasil como a afirmar a união que resultou da saída do Imperador, arrematando: “Pois, meus caros, os Estados Unidos não unem”. Explicava a folha que, por mais esforços que se tivessem feito, aquela união parecia-se muito com a desunião, num quadro em que o governo, não podendo unir-se com o Presidente Marechal Deodoro, tanto andara, até que o dito presidente lhe intimou mandado de despejo, como se o governo fosse um inquilino caloteiro e o Presidente um senhorio rabugento. Mantendo o caráter crítico e jocoso, o hebdomadário descrevia os acontecimentos na jovem República Brasileira, destacando que, com um aparato bélico, a prevenir-se para o que desse e viesse, o Marechal Presidente, em pessoa, entrara na sala do congresso e mandara pôr tudo no andar da rua, num quadro em que ninguém ficara na sala, tudo desfilara pelos corredores afora diante da intimação do dono da casa¹².

O tom irônico permanecia na narrativa acerca dos fatos desencadeados a partir do ato presidencial, afirmando o semanário que para evitar que os apeados do poder viessem para a rua fazer-se de espertos, o Marechal fora decretando a lei marcial e ficou-se a ver em que paravam as modas. Analisando as repercussões do golpe de novembro de 1891, o jornal destacava que uns diziam que o Marechal procedera como homem de grande tino, ao passo que outros asseveravam exatamente o contrário. A falta de precisão nas informações do ocorrido no Brasil era também apontada pela folha, ao comentar que os telegramas recebidos todos os dias nem atavam nem desatavam, não se sabendo o que havia, nem o que houvera, nem o que poderia vir a haver, diante do que, cada qual teria à sua disposição a liberdade de fantasiar o que melhor lhe parecesse, porque estava averiguado que os telegramas só davam as notícias que Deodoro da Fonseca muito bem quisesse que se soubesse. Ainda assim, o hebdomadário não se furtava a trazer a público alguns dos boatos que circulavam, como ao informar que escapara pela tangente do controle governamental a notícia de que o Pará se declarara independente e que a Bahia lhe seguiria o exemplo. Voltando ao tópico que dera título à matéria, o *Charivari* declarava: “De sorte que a província do Pará está resolvida a desunir a união dos Unidos e que a Bahia, pelo sim, pelo não, lá vai também desunindo”. Apesar de reconhecer o caráter de boataria sobre

¹² CHARIVARI. Porto, ano 6, n. 23, 21 nov. 1891, p. 2.

os acontecimentos, o jornal arrematava dizendo que era verdade que outros telegramas posteriores vieram desmentir a notícia daquela desunião, mas isso não impedia que se acreditasse na possibilidade das desuniões dos Estados Unidos do Brasil, visto como tudo corria de mal para pior desde que ali se estabelecera a República¹³.

Os comentários críticos à situação brasileira seriam retomados em matéria que tinha por título apenas o nome do país que fizera a República a 15 de novembro de 1889, no qual a folha afirmava que o Generalíssimo Deodoro da Fonseca, aquele “grandíssimo general ditador”, acabara de “dar com as canastras em terra”. O malsucedido golpe presidencial era descrito de forma jocosa, destacando o periódico que o “diabo do homem” chegara a imaginar que o mundo se deixaria assim governar “a modos de carneirada”, e que, acima de um Presidente de República, nada mais existisse, mas contra-argumentava que se enganara redondamente o Sr. Deodoro nos seus generalíssimos cálculos, ao julgar que uma nação republicana consentiria as arremetidas de um presidente ditador, com pretensões a rei absoluto. Nessa linha, destacava que o Generalíssimo, ao entrar na sala do Congresso e intimar mandado de despejo, cuidou que estava dentro do quartel de algum regimento, manobrando para a direita e para a esquerda, para a frente e para a retaguarda, e que tudo se fazia com a mesma facilidade e sem resistência¹⁴.

Condenando a atitude presidencial, o semanário português afirmava que uma nação não era um regimento de tropa e o Brasil não era um quartel de soldados, de modo que lhe saíra “o gado mosqueiro, o Sr. Deodoro”. O jornal não deixava de lembrar os efeitos que aquele golpe poderia trazer à nação portuguesa, e dizia que o pior era que os lusos teriam de sofrer todos a consequência da sua leviandade, uma vez que, com as “providenciais medidas” de Deodoro, do generalíssimo ditador, do absolutíssimo presidente, o câmbio, que até então se achava a treze e um quarto, passara a “não se achar a coisa nenhuma”. Em outras palavras, dizia que o câmbio, depois da “absolutíssima cabeçada do Sr. Deodoro”, baixara até as profundidades do infinito. Diante disso, o hebdomadário considerava justa a derrocada do primeiro presidente brasileiro, destacando que, como Deus não tinha “fadado este Deodoro, senão para figurar de Deodoro”, acontecera o “trambolhão” que toda a gente presenciara, pelo qual o “pobre Generalíssimo” já não era mais o Presidente da República do Estados Unidos do Brasil, nem de outros estados quaisquer. Arrematava afirmando que o melhor era fazer de conta que o homem morrera, “amarrado à generalíssima ditadura” e

¹³ CHARIVARI. Porto, ano 6, n. 23, 21 nov. 1891, p. 2.

¹⁴ CHARIVARI. Porto, ano 6, n. 24, 28 nov. 1891, p. 6.

revelava sua posição acerca da mudança da forma de governo brasileira: “Pobre Brasil! como tu sofres neste momento!... Tão cheio de recursos naturais, encontras-te, como as nações européias, a braços com uma crise de tal ordem que, só muito tarde, poderás debelar”, explicando que se à providência aprovesse afastar da face da terra a “mania reformadora”, parecia que não se teria passado por tantos desgostos e que se viveria um pouquinho mais feliz¹⁵.

À mordaz ironia caricatural do *Charivari* não iriam escapar os acontecimentos no Brasil, tanto que ele viria a publicar gravura na qual vários tipos de cidadãos jogavam bolas nos governantes, num quadro em que já aparecem atingidos D. Pedro II e Deodoro, ambos como alvos derrubados, e o próximo parece esperar a mesma sina. Os diferentes trajés dos indivíduos que usavam os governantes como alvos representavam a insatisfação do conjunto da sociedade para com eles, ao que ficava acrescido que o indivíduo que oferecia as bolas era o “índio-Brasil”, antiga e tradicional representação simbólica do povo brasileiro. Tal figura era intitulada “Coisas do Brasil” e apresentava por legenda: “Desde um certo tempo para cá, observamos que o Brasil nada mais faz do que jogar o *pim, pam, pum*, jogo inocente e inofensivo em que parece não se perder grande dinheiro, mas que afinal vai arruinando muita gente”¹⁶ [Figura 8].

Na mesma edição, o hebdomadário publicava um poema bem-humorado intitulado “O meu amigo Deodoro”, descrevendo com graça os acontecimentos recentes no Brasil e apresentando uma perspectiva chistosa acerca do primeiro Presidente da República¹⁷. As atitudes autoritárias do marechal-presidente também seriam denunciadas pelo *Charivari* em gravura mais uma vez intitulada “Coisas do Brasil”, na qual aparecia uma espécie de alegoria – Deodoro da Fonseca, a cavalo, junto de suas tropas, espada em riste, a promover verdadeira carnificina do

¹⁵ CHARIVARI. Porto, ano 6, n. 24, 28 nov. 1891, p. 6.

¹⁶ CHARIVARI. Porto, ano 6, n. 25, 5 dez. 1891, p. 5.

¹⁷ CHARIVARI. Porto, ano 6, n. 25, 5 dez. 1891, p. 6. Eram os seguintes os versos: “Ando há muito abananado, / Ando triste qual cipreste, / E sou às vezes agreste / Quer na rua, quer em casa; / Os sucessos do Brasil / Dão-me tratos ao miolo, / Têm-me trazido até tolo, / Todo me têm posto em brasa. // Quando o velho Imperador / Nessa nação imperava, / Era ele que me empalmava / Toda a minha simpatia. / Eu então era caturra, / E até tinha por chance / Ter sido desde criança / Amigo da monarquia. // Veio depois a revolta / Do Zé Povo brasileiro, / E plantou lá no poleiro / O Deodoro valente. / Desde logo eu, sem rebuços, / Cheio de um ardor insano, / Tornei-me republicano / Assim como toda a gente. // Esqueci o Imperador / Desde esse dia, que adoro, / E tomei ao Deodoro / Tal tracanaz de afeição, / Que hoje lamento, choroso / A negra sorte, o azar, / Que o fizera agora dar / Tão medonho trambolhão. // Tem-me custado a passar / Esta saudade febril; / As notícias do Brasil / Todos os dias devoro. / Inda espero ver no trono, / Qual heróico Bonaparte, / O bravo filho de Marte, / O meu amigo Deodoro”.

povo brasileiro. Dentre os mortos e feridos, apareciam representantes de diversas categorias sociais, demonstrando mais uma vez que os procedimentos do governante estavam levando à destruição do conjunto da população brasileira. Mais uma vez carregado de ironia, o desenho que buscava demonstrar a aniquilação do povo trazia esta legenda: “O Generalíssimo Deodoro da Fonseca descobriu a melhor forma de levar a cabo a idéia de liberdade, igualdade e fraternidade, dando com tudo em *Pantana*”¹⁸ [Figura 9].

Apesar da posse do sucessor direto de Deodoro da Fonseca, o vice-presidente Floriano Peixoto, a continuidade do clima de instabilidade no Brasil não deixaria de ser notada pelo semanário português, que mantinha a opinião de que a crise no Brasil poderia provocar a fragmentação política do país. Nessa linha, o jornal perguntava o que teria sido feito do “amigo Floriano”: “Estará de saúde? Estará satisfeito no alto da sua presidência?”; ao que respondia que, francamente, nunca tivera relações com Floriano nenhum. Acerca de um possível esfacelamento da jovem república, o periódico dizia que os Estados Unidos do Brasil teriam de chamar-se dali a pouco “Estados Separados do Brasil”, porque, segundo as notícias recebidas, cada província pretendia governar-se independentemente sem necessidade de Floriano de nenhuma espécie. Demonstrando sua posição diante da nova forma de governo brasileira, o jornal afirmava que neste país estava correndo o sangue da guerra civil, que viria por fim a ser o batismo do sistema por que o Brasil teria de reger-se. Ao mesmo tempo, a folha manifestava a aspiração pelo retorno à normalidade nas terras brasileiras, desejando que em breve se estabelecesse ali a paz de que carecia aquele bom povo brasileiro, a fim de que pudesse tirar proveito da imensa riqueza de tão abençoado solo¹⁹.

Com a deflagração dos focos revolucionários no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, progressivamente o *Charivari* mudaria o tom de suas manifestações acerca do Brasil, havendo poucas referências às revoltas e até certo ponto certa austeridade nos seus pronunciamentos acerca de tais fatos. Acerca da Revolta da Armada, o semanário publicaria um retrato de Custódio José de Mello, apresentado como Almirante da esquadra revoltosa no Rio de Janeiro²⁰. Também publicou o texto “O Brasil”, no qual afirmava que não havia coisa neste mundo mais fácil do que dar conselhos, mas que a grande dificuldade estava em tomá-los. Segundo o jornal, na guerra em que se encontrava empenhado todo o Brasil, deveria necessariamente haver partidários ferrenhos a favor do Presidente Floriano,

¹⁸ CHARIVARI. Porto, ano 6, n. 27, 19 dez. 1891, p. 4-5.

¹⁹ CHARIVARI. Porto, ano 6, n. 29, 1 jan. 1892, p. 6.

²⁰ CHARIVARI. Porto, ano 8, n. 32, 25 nov. 1893, p. 1.

assim como deveriam existir muito dedicados ao contra-almirante Custódio José de Mello. A seguir a publicação portuguesa explicava que os acontecimentos bélicos não preocupavam apenas aos brasileiros, mas também à própria nação lusa. Enfatizava, assim, que, se aquela guerra interessava muitíssimo a todo o Brasil, não se poderia estranhar que esse interesse se estendesse até fora de barreiras e que Portugal seria nela o mais interessado de todos os povos estrangeiros²¹.

Nesse sentido, o jornal fazia uma síntese acerca dos possíveis riscos que enfrentavam os súditos portugueses em terras brasileiras, destacando que, habituados a considerar o Brasil como um país irmão, havia, além disso, a circunstância de estarem neste país milhões de portugueses, laboriosos e ativos, procurando encontrar ao fim das suas fadigas um futuro risonho de independência para si e para os seus, que de Portugal os encaravam como a sua mais doce esperança. Segundo a folha, por melhor que fosse a vontade, não se poderia assistir indiferente àquela grande guerra, porque os portugueses traziam o coração constantemente sobressaltado com as conseqüências imprevistas que ela acarretaria num futuro mais ou menos próximo. Buscando demonstrar certa neutralidade diante dos fatos, o hebdomadário defendia que o mais aconselhável seria manter-se a prudência, a fim de que não se revelassem inclinações partidárias a favor de Floriano ou do contra-almirante, uma vez que isso seria simplesmente uma banalidade e até um contra-senso, porque equivaleria a recomendar que não se tomasse interesse pelo bem-estar dos irmãos que viviam na jovem república e pelo próprio futuro de Portugal, a quem afetavam imediatamente todos os movimentos brasileiros²².

Ainda na manutenção de uma posição mais austera, o *Charivari* buscava demonstrar que seriam normais as reações da imprensa lusitana diante dos acontecimentos no Brasil, enfatizando que as formas de descrever tais fatos normalmente seriam díspares no que tange à imprensa de cunho monarquista e à republicana. De acordo com o periódico, que uns optassem pela conservação da república e que outros estimassem que se restabelecesse a monarquia, seria tão natural como o interesse com que eram apresentados todos os pormenores daquela revolução. Na concepção do jornal, nem o Brasil deveria se indispor com Portugal pelo fato, aliás naturalíssimo, de qualquer jornal republicano pugnar pela conservação da república brasileira, ou de um ou outro jornal monárquico advogar como meio de prosperidade o restabelecimento do império. Mas, ao mesmo tempo, o semanário, em nome da defesa dos interesses portugueses, não aceitava que se deixassem de lado os episódios no Brasil, destacando que,

²¹ CHARIVARI. Porto, ano 8, n. 32, 25 nov. 1893, p. 2.

²² CHARIVARI. Porto, ano 8, n. 32, 25 nov. 1893, p. 2.

se as diferentes reações do jornalismo quanto aos sucessos brasileiros eram normais, e estranhava que outros jornais, à falta de assunto para artigo de fundo, estivessem aconselhando o indiferentismo português a respeito de um acontecimento que o interessava de perto, o que seria o mesmo que aconselhar o absurdo²³.

As poucas informações sobre os acontecimentos no Brasil e os constantes cuidados na divulgação dos mesmos levaram o *Charivari* a fazer poucas considerações acerca da crise revolucionária brasileira. Numa destas, o jornal apresentava a gravura “Aspectos da Baía do Rio de Janeiro, no dia 13 de setembro, durante o bombardeamento entre as fortalezas e os navios revoltosos”, em que, acima da paisagem, apareciam os retratos de Custódio de Mello e Floriano Peixoto, revelando a tendência de personalização do conflito no Brasil²⁴ [Figura 10]. Intentando manter o caráter meramente informativo, o semanário dizia que a guerra em que o Brasil se achava empenhado há tanto tempo prendia a atenção de todos os portugueses, uma vez que Portugal muito sofria com a continuação daquele mal-estar dos brasileiros, porque estava ligado àquela nação por estreitos laços de confraternização e por interesses recíprocos²⁵.

Diante disso, o *Charivari* justificava que vinha sempre procurando tratar os assuntos que mais impressionavam o público, e estaria a cometer gravíssima falta se não desse conhecimento aos seus leitores dos principais personagens que figuravam na guerra do Brasil, assim como se não apresentasse um desenho o mais perfeito possível do local onde se estava passando este fato. Nessa linha de autojustificativa e circunspeção, a folha descrevia o desenho do Rio de Janeiro estampado à página central e argumentava que se ainda assim fossem encontradas algumas pequenas faltas, esperava que estas lhe fossem reveladas, atendendo à sua boa vontade em dar um trabalho perfeito. Nesse sentido, a folha manifestava que, ao menos apresentando o desenho que se via na página central, buscava demonstrar a significância e o interesse que tinha pela paz nas terras de Santa Cruz, não tanto pelas dificuldades financeiras e econômicas que a revolução estava causando a Portugal, como principalmente pela vida de milhares de portugueses que estavam sujeitos às contingências desesperadas daquele meio²⁶.

O conjunto das reações da folha humorística portuguesa acerca da mudança na forma de governo no Brasil refletiam certa insatisfação para com tal fenômeno. Ao contrário de vários dos caricatos lusos, o *Charivari*

²³ CHARIVARI. Porto, ano 8, n. 32, 25 nov. 1893, p. 2.

²⁴ CHARIVARI. Porto, ano 8, n. 34, 9 dez. 1893, p. 4-5.

²⁵ CHARIVARI. Porto, ano 8, n. 34, 9 dez. 1893, p. 2.

²⁶ CHARIVARI. Porto, ano 8, n. 34, 9 dez. 1893, p. 2.

revelava em seus textos e desenhos um certo mal-estar para com a República no Brasil. Nesse sentido, o jornal, após apresentar a transformação política brasileira com o natural bom-humor que o caracterizava, tão logo surgiram as crises começaria a demonstrar que os males pelos quais este país estaria passando advinham da implantação da República. Logo após o golpe de Deodoro, o periódico destacava que tudo “corria de mal a pior” desde a modificação na forma de governo no Brasil, ou ainda que, apesar de suas enormes potencialidades e riquezas, ele sofria com dificuldades tão grandes que talvez não pudesse debelá-las, tudo isso oriundo da “mania reformadora” como denominou o acontecimento de novembro de 1889. Mais adiante, o hebdomadário apontaria a queda da Monarquia como causadora dos riscos de esfacelamento territorial que passava o Brasil, ligados ao espocar das guerras civis, que constituiriam o “batismo do sistema que o país escolhera para reger-se”. Só com o aprofundamento da crise revolucionária, o jornal refrearia seu teor crítico quanto às transformações institucionais ocorridas na sociedade brasileira.

Assim, as construções discursivas estabelecidas pelo *Charivari* acerca da formação republicana no Brasil tiveram dois momentos bem demarcados. Nos primeiros tempos após a proclamação da República, o jornal manteria seu norte editorial calcado na graça, no tom jocoso e na ironia. Ainda assim, os textos e caricaturas mostravam certa identidade com a figura do Imperador decaído, destacando-o em situações difíceis, mas apresentando-o como uma espécie de vítima das circunstâncias, destronado, atraído e prejudicado por muitos dos que estavam à sua volta, vistos pela folha como aproveitadores. Na primeira grave crise da República Brasileira, advinda do ato presidencial de novembro de 1891, o semanário manteria sua posição crítico-opinativa e estabeleceria sérias censuras a tais fatos, apresentando-os como os nefastos efeitos da mudança político-institucional brasileira. Entretanto, com o agravamento das crises e a deflagração revolucionária, o *Charivari* alteraria diametralmente seus posicionamentos e, contrariamente ao espírito que normalmente regia as publicações caricatas, adotaria uma postura de austeridade e até de moderação em relação às notícias vindas do Brasil. Tal transformação de conduta ligava-se essencialmente à grande preocupação do jornal em evitar maiores prejuízos à grande colônia portuguesa em terras brasileiras, a qual já estava a sofrer alguns dos efeitos da xenofobia antilusitana. Ainda assim, ficava expressa a noção do jornal de que aquela mudança de forma de governo fora um erro que estaria a ameaçar o território e as instituições nacionais, de modo que o periódico caricato levou à sociedade lusa a sua perspectiva acerca dos fatos ocorridos no Brasil, ou seja, aproveitando-se do trocadilho de que a vida brasileira, após a República, transformara-se num verdadeiro “charivari”.

A REVOLUÇÃO DO BRAZIL



D. Pedro de Alcântara
(EX-IMPERADOR DO BRAZIL)



Quintino Bocayuva
(CHEFE DO PARTIDO REPUBLICANO DO BRAZIL
E REDACTOR DO 'PAIZ')



General Deodoro da Fonseca
(PRESIDENTE INTERINO
DOS ESTADOS-UNIDOS DO BRAZIL)

Publicando os retratos dos principaes vultos da revolução do Brazil, acompanhamos assim este grande acontecimento e damos ao publico uma pagina que . será recebida com bastante interesse.

FIGURA 1

À CHEGADA DO IMPERADOR



—Olá, seu Pedro d'Alcantara! . . . Passou bem?
 —Menos mal, menos mal. Mi diga: O sr. não é o Paulo Porto Alegre,
 antigo consul de meu imperio?
 —Eu mesmo, e continuo a sel-o, mas da republica do Brazil. Antes
 de tudo sou um patriota!
 —Já sei, já sei! Um *patriota* e um homem de *comições*.

FIGURA 2

NO HOTEL BRAGANÇA



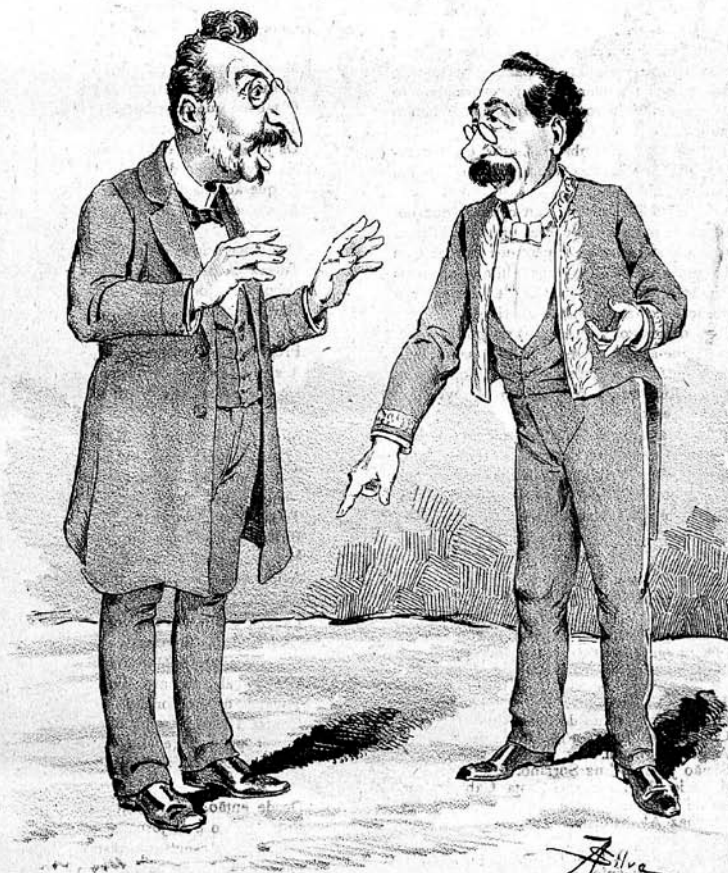
(OPINIÃO D'UM ORLEANS)

— Qui pena qui tenho de minha patria! Não mais tornarei a ouvir o canto do sábiá empoleirado n'um bambú, nem jámais saboriarei a sombra das palmeiras, ondi saltam elles macáquinhos!

— Si deixi di penas sinhó papá. Si lá ficaram os sábiás e os macáquinhos, nós cá lévamos muito dinheiro que é o que se quer!

FIGURA 3

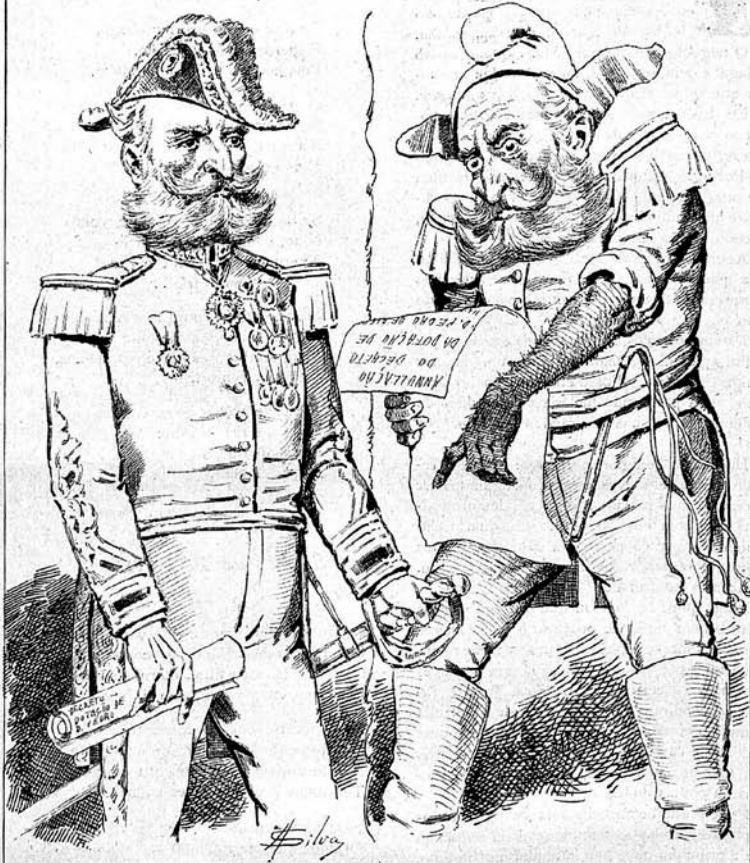
ENTRE MINISTRO E EX-MINISTRO
(DIALOGO PELO TELEGRAPHO)



—Ah! sinhô Zé Luciano!... Zé Caipora di lá, é mais riço do que eu imaginava!...
—Pois sr. Visconde de Ouro Preto, Zé Povo de cá, quanto mais leva, mais manso fica!

FIGURA 4

A REPUBLICA DO BRAZIL
 *A
 DOTAÇÃO DE D. PEDRO DE ALCANTARA



Ao principio, quando se soube que o governo provisório da Republica do Brazil mantinha a dotação e subsidiava além d'isso o imperador, todos applaudiram e acharam nobre e enluvado tal procedimento.

Porém, agora — ó decepção! — com a recente annullação de todos estes compromissos, os republicanos do Brazil ficaram sendo o contrario de nobres e o contrario de enluvados! Que triste figura!...

FIGURA 5

D. PEDRO D'ALCANTARA NO PORTO

(DIALÓGO ENTRE PAE E FILHO)

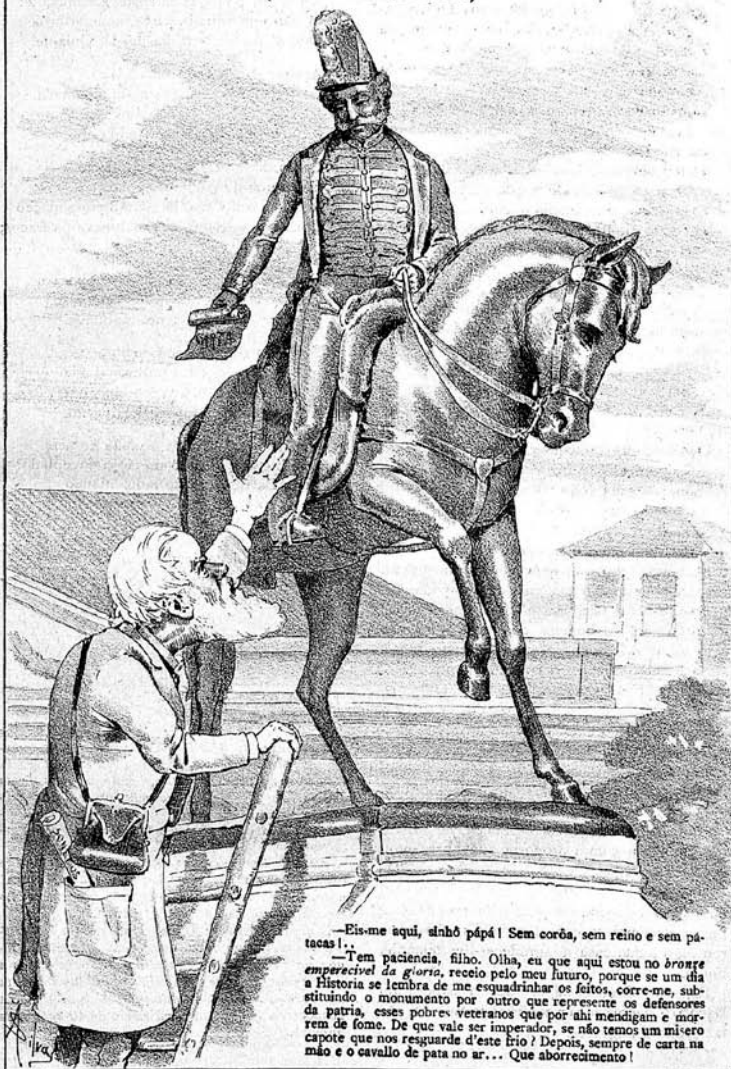


FIGURA 6

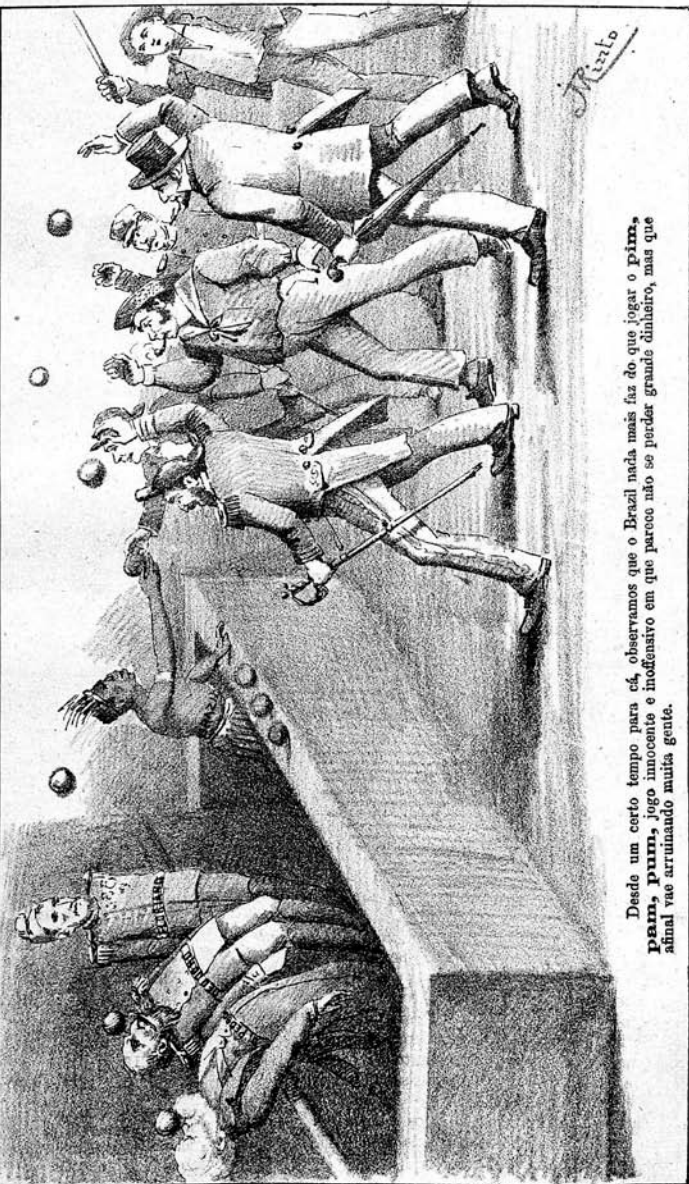
ANNO VELHO E ANNO NOVO



Eis a melhor comparação que se pôde adequar ao anno de 89 que terminou, e ao anno de 90 que começa. Enquanto que D. Pedro foi *apagado* pelo sopro republicano *di lá*, D. Carlos, *o nosso*, rutila no meio da sua cõrte como um bico de gaz ha pouco acceso. 1889, 1890!...

FIGURA 7

COISAS DO BRAZIL



Desde um certo tempo para cá, observamos que o Brazil nada mais faz do que jogar o pau-para, pau-para, pau-para, jogo innocente e inoffensivo em que pouco não se perder grande dinheiro, mas que annual vai arruinando muita gente.

FIGURA 8

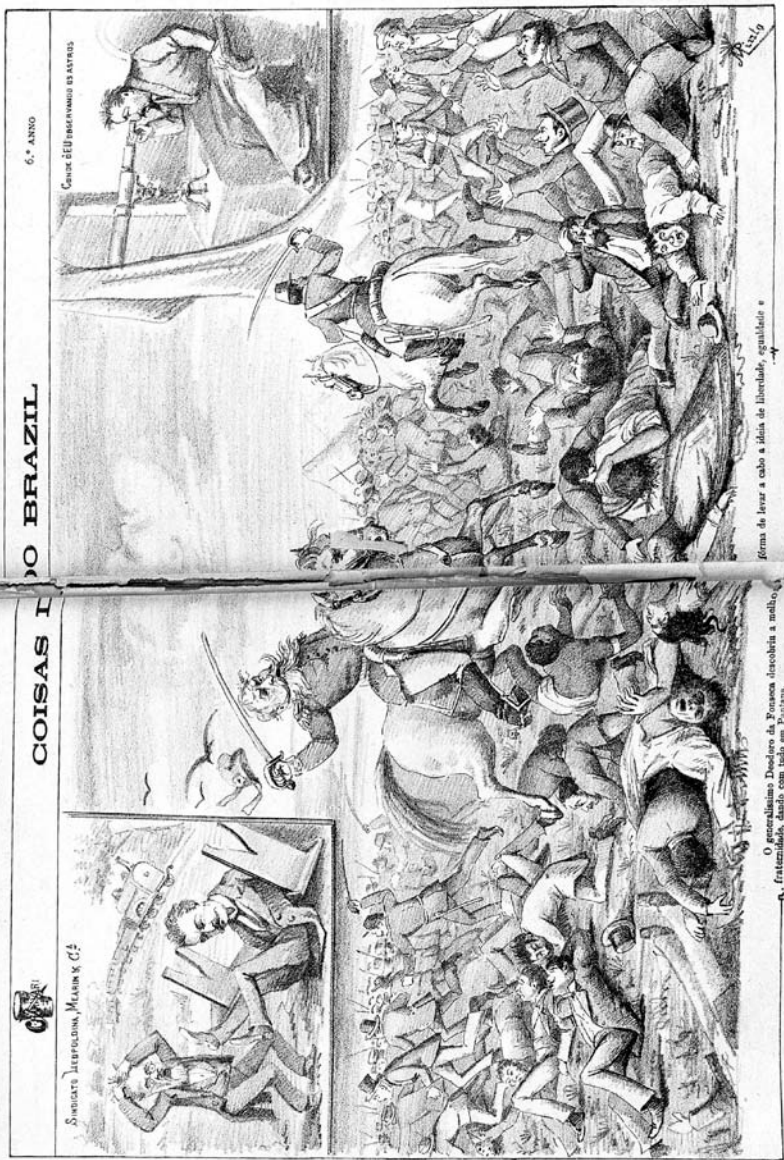


FIGURA 9

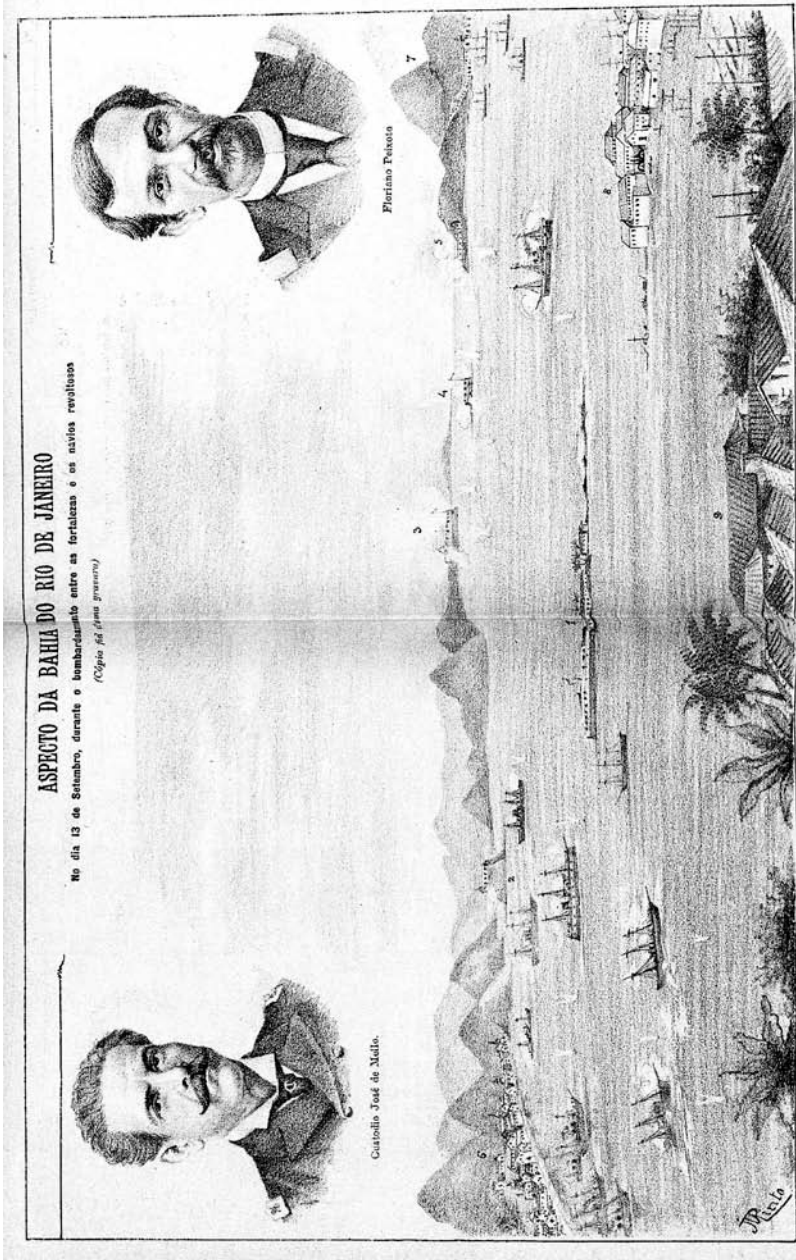


FIGURA 10

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Alfredo da. *Relances sobre os três séculos do jornalismo português*. Lisboa: Gráfica Santelmo, 1941.
- MARTINS, Rocha. *Pequena história da imprensa portuguesa*. Lisboa: Ed. Inquérito, 1941.
- MATTOSO, José. *História de Portugal*. Lisboa: Estampa, 1996. v. 6.
- PEREIRA, A. X. da Silva. *O jornalismo português*. Lisboa: Tipografia Soares, 1895.
- PERES, Damião. *História de Portugal*. Barcelos: Portucalense, 1935. v. 7.
- RAFAEL, Gina Guedes; SANTOS, Manuela. *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa: Ministério da Cultura, 2001.
- RODRIGUES, Paulo Madeira. *Tesouro da caricatura portuguesa (1856-1926)*. Lisboa: Círculo de Editores, 1979.
- RODRÍGUEZ, Alberto Pena. História do jornalismo português. In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (Coord.). *História da imprensa*. Lisboa: Planeta, 1996. p. 351-396.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. *História de Portugal: o terceiro liberalismo (1851-1890)*. Lisboa: Verbo, 1986. v. 9.
- SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. Oliveira. *Nova História de Portugal: Portugal e a Regeneração (1851-1900)*. Lisboa: Presença, 2004. v.10.
- SOUSA, Osvaldo Macedo de. *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal*. Lisboa: Humorgrafe; SECS, 1998.
- TENGARRINHA, José Manuel. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1989.